



3x4

ESPECIAL FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

amigos da Natureza

CONFIO

CENTRO DE CAPACITAÇÃO E
TREINAMENTO PARA MULHERES
ELVIRA RAYSON
RESISTENCIA CHACO
ARGENTINA
25 AL 30 DE ENERO 2001

ESSE
CALLE
GATEA

SALUD AL MUNDO
ASOCIACION DE
PROFESIONALES DEL
HOSPITAL D ALENDE
MAR DEL PLATA
ARGENTINA
FSM 2001

ES MUNDO HERMANHO ESCOLAR
PROFESORAS COMUNITARIAS
ARGENTINA

2001

TRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROT
Entrevista: Carlos Caceres

PROFESSOR SEM CANUDO

Eduardo da Camino

O paraguaio Carlos Caceres faz parte da minoria de seu país. Minoria esclarecida, cidadã, politizada. Jornalista por vocação, ator por paixão, professor por destino. É um pioneiro na luta pela democratização da comunicação no Paraguai.

Lá, como aqui, a livre informação bate de frente com o controle político da mídia. Fundador do Partido Socialista Paraguaio e da CUT Paraguaia, do Grêmio de Teatro do Paraguai e do Sindicato dos Jornalistas do Paraguai, ele parou de estudar no segundo grau, optando pelo trabalho nas comunidades camponesas da região do Chaco, por achar que a Universidade "afasta do povo".

Filho de pai camponês, neto de caudilho, ele veio para o Fórum Social Mundial a convite do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, que bancou toda a sua estada. Na véspera de seu retorno, falou ao Três por Quatro.

3x4 - O senhor considera a arte, o jornalismo e o sindicalismo vértices do mesmo triângulo?

Carlos Caceres - Eu vejo tudo isso como meios diferentes para um mesmo resultado, que é alcançar o povo, para alterar sua condição cultural injusta, autoritária, discriminada. Os paraguaios vêm de uma longa caminhada de injustiças, mas estão buscando, como nos mitos guaranis, encontrar sua terra sem mal. Então, tudo que é comunicação, seja escrever para um jornal, fazer um cartum ou uma peça, está entrelaçado, está inserido em um todo.

3x4 - Como o senhor começou a trabalhar com teatro?

CC - Eu necessitava de um meio de expressão pra atingir o povo mais humilde e o teatro é a melhor forma de demonstrar a vida. Faço teatro de rua, com temática camponesa. Eu considero o teatro um instrumento de liberação mental do indivíduo.



3x4 - O senhor acha que seria um jornalista melhor se tivesse um diploma?

CC - O curso de jornalismo serve para se aprender a técnica, o uso do equipamento. O dom de comunicar se exerce desde que se aprende a falar. Usar esse dom de

forma criativa e ética não é algo que se aprenda na escola. No

Paraguai, a imprensa se tornou uma carreira lucrativa para alguns poucos. Não para mim. Nunca aceitei qualquer tipo de censura. O jornal Última Hora, em que trabalho, tem um certo monopólio em Assunção, assim como a Zero Hora, em Porto Alegre. Mas eu escrevo o que quero, minha relação com o jor-

nal é restrita ao Diretor de Redação. O Última Hora é um jornal centro-progressista, mas não incomoda demais o governo, fica cada qual cuidando do seu. É preciso esclarecer que a construção da cidadania paraguaia

está começando. Saímos há pouco de uma sociedade muito vertical, para um pensamento mais aberto e democrático.

"Boa parte da população tem que decidir entre o jornal do dia ou a comida. E jornal não adianta ler um só."

3x4 - O Ziraldo conta que, quando esteve na Bolívia, foi pegar um táxi e o taxista o reconheceu pela voz, que tinha ouvido no rádio. Sabia quem ele era e porque estava lá. O senhor diria que o rádio é o meio de comunicação mais eficiente?

CC - Mas claro. Em nossa luta pela conscientização do povo, sempre usamos o rádio. É o meio mais barato que há, em qualquer lugar do Paraguai existe uma rádio comunitária, elas hoje são quase cem. O aparelho de TV é muito caro, assim como o jornal diário. Boa parte da população tem que decidir entre o jornal do dia ou a comida. E jornal não adianta ler um só, tem que ler pelo menos três. Mas o governo exerce uma repressão muito forte às rádios comunitárias, sempre confiscam o equipamento. O próprio Sindicato dos Jornalistas tem uma rádio montada, mas não pode trabalhar com ela por conta dessa perseguição.

3x4 - Como está o quadro geral de radiodifusão no Paraguai?

CC - Os políticos tomaram a maior parte do espectro de radiodifusão no Paraguai. Cada deputado tem uma rádio na sua base eleitoral, a região que o elegeu. Em televisão, só existem três canais abertos. E não há nem rádio nem emissora de televisão pública, como a Rede Cultura no Brasil. As rádios são todas comerciais ou comunitárias, e a Rádio Nacional não passa de um veículo de propaganda do governo. As rádios foram o grande instrumento de degradação da sociedade paraguaia, pelo uso político das concessões. A principal vítima foi a educação. A Constituição prevê escola obrigatória e gratuita, mas isso não existe na prática. É caríssimo, quase impossível, estudar no Paraguai. A PUC cobra uma mensalidade fixa de 500 dólares. As universidades privadas abrem 300 vagas por ano, e sempre há de 3 mil a 5 mil candidatos. Hoje, existem dois paraguaios: o urbano e o rural. Fora das fronteiras das cidades, o Paraguai é outro mundo. As rádios locais estão recuperando a vida desse mundo, cada uma com sua linguagem própria, interagindo de maneira bem específica com sua comunidade. É assim que vamos reverter o quadro.



Fórum na Caros Amigos - em edição especial de março a revista contou com 30 páginas de muito texto. Foram feitas matérias com Frei Betto, Augusto Boal, João Pedro Stédile, entre outras. Para

quem perdeu o evento, a edição é um legítimo presente de consolação. Para quem participou, foi um registro e a cobertura que a grande imprensa não fez.

"Hoje, pelo menos um quinto da humanidade vive na miséria absoluta, com menos de US\$ 1 por dia. Esse dado basta para mostrar que o sistema capitalista é inviável", afirmou o padre e sociólogo belga François Houtart. Ele é professor emérito da Universidade de Louvain, diretor da revista Cahiers Alternative Sud e diretor do Centro Tricontinental, dedicado ao estudo dos problemas e propostas de alternativas para o desenvolvimento da América Latina, Ásia e África.

Mais uma de Houtart: "Se quando falamos em "economia" entendemos simplesmente a busca do lucro, então evidente que o sistema capitalista é o melhor. Mas, se entendermos a economia como a atividade humana destinada a assegurar a base material, a vida física e cultural de todos os seres humanos em todo o mundo, o sistema capitalista é o mais ineficaz de todos os sistemas já criados".

A hora e a vez da imprensa alternativa

UMA OUTRA COMUNICAÇÃO É POSSÍVEL

Silvia Lisboa

A comunicação, no Fórum Social Mundial, não estava representada apenas pelas centenas de jornalistas vindos do mundo inteiro para fazer sua cobertura. A comunicação midiática, o jornalismo e as agências de informação alternativas foram tema de várias oficinas e do painel "Como assegurar o direito à informação e a democratização dos meios de comunicação". A própria articulação do fórum partiu de um jornalista francês e diretor-geral de Le Monde Diplomatique, Bernard Cassen.

Porém, talvez mais do que qualquer outro tema que tenha sido discutido neste primeiro fórum, os debates em torno da comunicação foram, de certa forma, mais propositivos que os demais. O site oficial do fórum (www.forumsocialmundial.org.br) já trazia uma inovação na maneira de pensar e fazer jornalismo. A Ciranda Internacional da Informação Independente, CIIIn, idealizada pelo jornalista Antônio Martins, do Comitê Nacional do FSM, reuniu jornalistas de peso ligados a publicações alternativas de informação como a revista Caros Amigos, a Carta Maior, a ALAI (Agência Latino-Americana de Informação), a ATTAC (Associação pela Taxação das Transações Financeiras e pela Ajuda aos Cidadãos) e voluntários dispostos a fazer uma ampla cobertura do fórum e disponibilizar suas matérias para um maior número de pessoas e para outros meios.

A CIIIn baseou-se no princípio do *copyleft*, uma brincadeira semântica que se opõe a expressão inglesa *copyright*, que significa o direito à propriedade intelectual. *Left* significa esquerda e vem do verbo *to leave*: deixar, autorizar, oferecer.

Até o II FSM, essa articulação dos meios de comunicação alternativos pode vir a ser o fio condutor que estava faltando para levar adiante todas as discussões e propostas na busca de consensos mais amplos e profundos.

TRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROTRESPORQUATROT

O tablóide por trás do Fórum Social Mundial.

LE MONDE DIPLOMATIQUE

Tiago Aguiar

Os grandes periódicos do Velho Continente são famosos pelos textos longos que informam, às minúcias, tudo o que tratam. Mas pouco deste conteúdo realmente é relevante para o público que o consome.

Um periódico europeu foge a esta regra. O tablóide mensal *Le Monde Diplomatique* tem apenas trinta e duas páginas, mas seus textos esmiuçam os assuntos ocorridos no mês sem perder a riqueza do conteúdo e a correção do trato jornalístico das análises.

Le Monde Diplomatique sempre se pautou com autonomia e crítica, explorando o ponto de vista social das questões tratadas. Pode ser visto como a voz da esquerda européia nos assuntos internacionais.

E foi com esta idéia que os diretores de *Le Monde Diplomatique* fizeram do jornal a pedra de toque do FSM. Foi o jornal que organizou o fórum e trouxe a maioria dos palestrantes internacionais, além de ter emprestado seu prestígio para catapultar a visibilidade do evento.

O diretor-geral do periódico, Bernard Cassen, acredita que “a fórmula de organização social que temos hoje é extremamente injusta. E será de iniciativas como esta, do Fórum Social Mundial, que começarão as grandes mudanças e melhorias para o mundo”. Sobre a quota de importância que o jornal teve para a realização do evento, Cassen é modesto. “*Le Monde Diplomatique* emprestou um pouco do seu prestígio internacional, mas todas as outras organizações tiveram papéis de maior significância. Somente o ‘Diplô’ não teria feito um encontro deste tamanho.”

PRIMEIROS PASSOS – No início da década de 1950, o mundo ainda vivia um processo de reorganização pós-guerra.

A França, destruída pela invasão alemã e pelo contra-ataque aliado, tentava ainda mostrar forças como uma das potências mundiais.

Logo, o jornal mais importante da França surgiu internacionalmente como um dos grandes analistas geopolíticos. *Le Monde* se tornou um periódico obrigatório para os grandes líderes europeus e mundiais. Um espelho da política social-democrata européia que tinha sua maior representante na França.

No ano de 1954, Hubert Beuve-Méry funda *Le Monde Diplomatique*. O jornal apareceu como uma edição especial da editoria internacional do *Le Monde* para analisar os temas mais relevantes que se desenrolaram no período de um mês.

No início, *Le Monde Diplomatique* era uma publicação especializada em temas próximos da França: as questões do Oriente-Próximo e do norte da África.



Edição do “Diplô” com matéria sobre o fórum

Logo, os leitores de *Le Monde* adotaram o novo jornal como uma forma de se manterem atualizados sobre as discussões geopolíticas. Os mais fiéis substituíram o longo nome do periódico por “Diplô” – que até hoje é como seus leitores se referem a ele.

Da sua fundação até hoje, o “Diplô” teve apenas três diretores François Honti (até 1972), Claude Lulien (até 1990) e, atualmente, Ignacio Ramonet.

O Diplô pode ser visto como a voz da esquerda européia nos assuntos internacionais.

CAPITAL FRATERNAL – Financeiramente *Le Monde Diplomatique* conta com as vendas avulsas e assinaturas dos 300 mil exemplares mensais da edição em francês e dos mais de um milhão das versões para as mais diversas línguas. Os espaços para publicidade são raros e, em geral, ocupados com anúncios do próprio grupo editor.

Le Monde Diplomatique é uma sociedade de três partes iguais. Uma das quotas pertence a sua pu-

blicação mãe: *Le Monde*. As outras duas partes são divididas entre a Associação Gunter Holzmann e a Associação Amigos do *Monde Diplomatique* (colaboradores, assinantes e os jornalistas do periódico).

Paralelamente ao jornal, *Le Monde Diplomatique* edita uma revista chamada *Manières de Voir* (Maneiras de Ver) com uma proposta de complementar os assuntos do jornal e trazer pautas que não se prestam a serem analisadas pelo “Diplô” como exposições de arte, grandes perfis de personalidades etc.

Desta forma, o material de cobertura do grupo, oferecido para o público, abrange o noticiário diário, através de *Le Monde*, uma análise mensal mais abrangente, através do “Diplô”, e um aprofundamento de temas diversos que surgiram nas páginas destes dois, pela revista *Manières de Voir*.

Um leitor assíduo do jornal, o brasileiro Eber Ferrer, diretor da Caritas Internationalis para as Américas e o Caribe, garante que “não existe outra publicação como *Le Monde Diplomatique*. Para mim, que vivo viajando e discutindo temas sociais, é essencial lê-lo”.

PARA TODOS – Para o leitor brasileiro, o “Diplô” é uma raridade. Os poucos exemplares encontrados em bancas no país são caros e restritos ao público francófono. Alguns jornais nacionais mantêm convênios com a publicação. Atualmente o material de *Le Monde Diplomatique* é periodicamente reproduzido pelo *Jornal do Brasil* e pelo *Correio Braziliense* – ambos com tiragens de 150 mil exemplares.

Mas o quadro está para mudar. A partir deste ano, *Le Monde Diplomatique* contará com uma versão nacional, seguindo a experiência inglesa, alemã, espanhola e italiana. O tablóide está sendo traduzido e disponibilizado, todos os meses, para os assinantes na internet (www.diplo.com.br).

Nesta fase inicial, o jornal não terá uma edição impressa, mas haverá – num futuro próximo, segundo o grupo de tradutores – a publicação de cadernos, que ainda não têm periodicidade definida, sobre temas de relevo social. Esta publicação será exclusiva para tratar com profundidade temas ligados ao Brasil através de textos escritos por autores brasileiros.

A versão nacional do “Diplô” está sendo possível pelo trabalho de uma sociedade civil de apenas dez pessoas – o Instituto Abaporu. “É uma oportunidade para ampliar os horizontes de leitura do público brasileiro – que andam bem curtos – através de uma tradução bem cuidada da mais importante publicação de análise geopolítica da Europa”, garante Celeste Marcondes, tradutora e editora da versão nacional. E acrescenta: “esperamos que o público participe e tome gosto pelo nosso ‘Diplô’”.



Durante o fórum, um grupo de jornalistas ligados ao Instituto Seculo XXI colocou no ar o site www.forumsocial.org. Lá, eram encontradas pérolas em defesa do neoliberalismo e diversas notícias sobre o evento, com títulos como “Farra oficial no Fórum”. Em cima da página, um banner anunciava: Imparcialidade.



Uma adolescente com cara de estudante passava a diante um convite divertido durante uma conferência do fórum. Chamava para o Forró Social Mundial, onde você pagava R\$ 3 e tinha direito a uma cachaça. Para muitas pessoas o melhor do evento estava no acampamento do Parque Harmonia. Lá, centenas de estudantes de diversos países confraternizaram.

Tom Zé escreveu uma música especialmente para o FSM: “Cada homem é sozinho / A casa da humanidade / Não tenho nada na cabeça / A não ser o céu / Não tenho nada por sapato / A não ser o passo / Não faço nada com o passo / Só traço a linha do futuro / E o futuro tem caminho / Na unimultiplicidade / Pois cada homem é sozinho / A casa da humanidade / Não tenho nada no Guaíba / A não ser a vida / Não tenho nada com as águas / Semente o berço original / E este berço se abraça / Na unimultiplicidade / Pois todo homem é sozinho / A casa da humanidade ...”

Entrevista: Eric Toussaint

PARA O SISTEMA FINANCEIRO MUNDIAL

No debate "Que Sistema Financeiro é Necessário para Assegurar a Igualdade e o Desenvolvimento", o belga Eric Toussaint falou de alternativas para a economia mundial e criticou instituições como o Banco Mundial e o FMI.

3x4 - Como funcionam os trabalhos realizados pelo Comitê pela Anulação da Dívida Externa dos Países de 3º Mundo?

Eric Toussaint - O Comitê tem representações em quase todos os países com dívidas externas expressivas. [O Brasil está ganhando um escritório a partir de julho.] O principal objetivo – como da maioria das ONGs – é provocar a conscientização da população para um problema. E o problema, neste caso, é a cobrança injusta de juros sobre dívidas tomadas por países pobres de países ricos ou de instituições supranacionais. O

Comitê organiza debates e atividades principalmente com os países africanos, que são os que têm suas economias mais atingidas por esta política.

3x4 - O senhor disse que a dívida externa dos países de 3º mundo é injusta. Baseado em que o senhor garante isso?

ET - O pagamento da dívida externa representa um mecanismo de subordinação e de transferência de riquezas. Sempre que existem pressões econômicas os países pobres acabam sofrendo com aumentos de dívidas. Quando os Estados Unidos, no meio da Guerra Fria, quis aumentar a sua influência sobre países economicamente inferiores, fez empréstimos para obras estratégicas e vinculou as finanças de algumas nações a sua "carta de crédito". Assim, em cinco anos – de 1957 a 1962 –, o Banco Mundial aumentou em 30% as dívidas dos países devido a empréstimos para obras hidrelétricas e agrícolas. E esta sempre foi uma política declarada. Depois da implantação do Plano Marshal, US\$ 100 bilhões passaram a ser transferidos do terceiro mundo todos os

anos. Somando tudo que já foi pago, atualmente chegamos à cifra de US\$ 3 trilhões – seis vezes mais que o devido inicialmente.

3x4 - Como se poderia fazer um controle mais justo destas transferências? Não é exatamente para isso que foi criado o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional?

ET - O Banco Mundial é fruto de um exercício político, não econômico ou desenvolvimentista. É bem localizado geograficamente e estrategicamente – no meio do mundo desenvolvi-

do. Para funcionar ele deveria ser reformulado radicalmente. Um Banco Mundial e um FMI são essenciais, mas deve-se ajustar as políticas utilizadas para que respondam às necessidades da humanidade não aos interesses de uns poucos.

3x4 - Então o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional não têm nenhum papel de relevo social no mundo?

ET - Eles tiveram por um tempo. Logo após as suas criações, ambos tiveram relevo social especialmente para zonas de influência ocidental – como partes da Europa Oriental – e áreas das Américas Central e do Sul. Mas podemos marcar como ponto final nestas



Toussaint: "Um Banco Mundial e um FMI são essenciais, mas deve-se ajustar as políticas utilizadas para que respondam às necessidades da humanidade não aos interesses de uns poucos."

colaborações o ano de 1968. A partir daí, o Banco Mundial entra fortemente na política internacional como contrapeso aos interesses soviéticos. Os empréstimos passaram a financiar governos alinhados com o ocidente – como o governo militar que se instalou no Brasil, a exemplo de grande parte do continente – e a apoiar contra-revoluções e levantes direitistas na América Latina. Teoricamente o dinheiro serviria para comprar tecnologia e produtos dos países ricos. O que também aumentaria as dívidas.

3x4 - O senhor poderia citar algum momento em que estes investimentos efetivamente deram resultado?

ET - Aqui na América Latina, pouquíssimos. Talvez a Nicarágua tenha vivido alguma prosperidade antes que o dinheiro deixasse de entrar e o governo fosse deposto pelo intervencionismo norte-americano. Mas o Egito teve muitos ganhos financeiros com a luta entre as potências beligerantes da Guerra Fria. [Gamal Abdel] Nasser conseguiu que muitos projetos fossem pagos para o Egito, apenas chantageando as duas potências. Conseguiu que uma represa – que é das maiores do mundo – fosse

erguida nesta guerra por esferas de influência.

3x4 - A Represa de Assuan?

ET - Exatamente.

3x4 - Mas Assuan foi construída com capital soviético.

ET - De acordo, mas foi uma guerra política que levou a URSS a construí-la, porque os Estados Unidos queriam que os países ocidentais assumissem os gastos da obra para atrelar o Egito ao bloco capitalista. No final, a dívida do Egito foi contabilizada e muitas represas como Assuan já foram pagas em troca.

3x4 - Em 1982, o Brasil quebrou. Todo o globo, naquele ano, foi abalado por uma grave crise financeira. Como isso ocorreu?

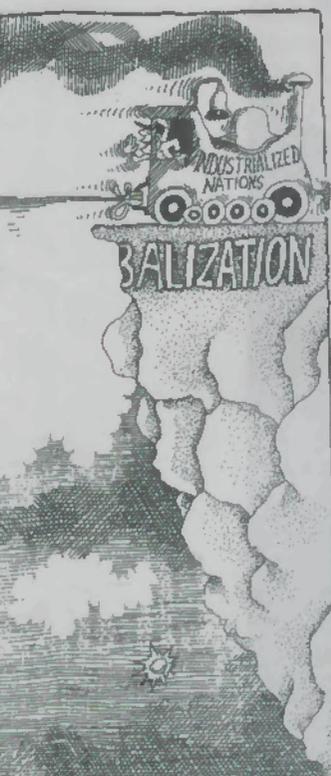
ET - A crise de 82 foi criada por um exagero de crédito financeiro internacional que provocou uma crise de crescimento de -3%. Muito parecida com a que principiou em 1998 – na Ásia e na Rússia. Muito capital girando nos mercados, mas uma produção que não correspondia. Isso abalou principalmente países que estavam dando passos grandes e usando muito capital internacional – como o Brasil. A partir de 82, aparece o FMI, que implanta um plano de abertura drástica das economias.

3x4 - Como funcionaria a Taxa Tobin?

ET - A Taxa Tobin é um projeto de cobrança de impostos sobre todas as movimentações especulativas feitas dentro de um país. O dinheiro teria retido uma porcentagem – ainda não calculada – que seria controlada por um banco mundial. Este banco seria a reformulação do atual Banco Mundial. Na verdade, a Taxa Tobin é uma idéia muito simples e de fácil aplicação, mas que necessita de mudança grande no sistema especulativo internacional. Por isso, sofre tantas pressões contrárias.

3x4 - O capitalismo é realmente um sistema autofágico ou ele provou poder se sustentar? Qual é o problema com a teoria neoliberalista?

ET - O capitalismo mostrou ser capaz de se sustentar, mas não provou ter interesses sociais que julgamos ser fundamentais para o futuro da humanidade. No campo social, o capitalismo se mostrou tremendamente egoísta e despreparado. Por exemplo, o modelo neoliberal se mostrou totalmente incompetente para solucionar os problemas sociais da pobreza e educação na América Latina nos anos 90. O que não condena a teoria de forma definitiva. (T.A.)

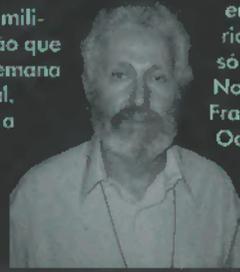


te, seguiremos adiante juntos!"



"O resultado desse fórum vai aparecer em 9 meses". Essa foi a conclusão de uma delegada que discutia a participação dos jovens no Acampamento da Juventude. O impacto e o futuro das discussões de Porto Alegre era o tema mais frequente nos corredores do Centro de Eventos da PUC. As conclusões mais sérias não projetavam resultados nas desigualdades sociais no decorrer das próximas três décadas.

O McDonald's achou uma maneira bem peculiar de responder aos ataques dos militantes anti-neoliberalismo e globalização que aterrissaram na capital gaúcha nesta semana para participar do Fórum Mundial Social. Eleita símbolo mundial do capitalismo, a rede de lanchonetes resolveu imprimir um protetor de bandejas recheado de argumentos para deixar o hambúrguer do Ronald.



Segundo o panfleto, a rede é um dos três maiores empregadores privados do Brasil (35 mil funcionários), arrecadou R\$ 1,9 milhão de ICMS em 2000 só no RS e incentiva a produção local de alimentos. No Rio Grande, compra produtos da Dauper, Frangosul e Minuano. O Instituto Ethos (presidido por Oded Grajew, um dos idealizadores do fórum) e a revista Exame elegeram o McDonald's como uma das dez empresas com melhor atuação social do país.



Tupamaro uruguaio aposta na revolução

David Landau

Muitos dirigentes históricos da esquerda passaram a ter altos cargos e a viver dentro de gabinetes. Não é o caso de Jorge Zabalza, 57 anos. O uruguaio que, em 1966, partiu do seu país com a intenção de se juntar à guerrilha de Che Guevara na Bolívia, mora num assentamento em bairro operário de Montevideú junto com a família. Depois de mais de um ano de treinamento militar em Cuba, voltou ao Uruguai para colocar seus conhecimentos em prática, passando a combater como guerrilheiro urbano no recém criado Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros.

Ficou quinze anos preso, onze em situação de total isolamento, vivendo num buraco. Após a redemocratização, dirigiu os semanários "Mate Amargo" e "Tupamaros". Foi vereador de Montevideú entre 1995 e 1999, chegando a ser presidente da câmara municipal. Hoje, integra e dirige o Movimento de Libertação Nacional Fundacional, grupo que está dentro da Frente Ampla.

Durante os dias do Fórum Social Mundial, o líder tupamaro conversou com o Três por Quatro sobre sua vida e suas idéias.

PODER DA REVOLUÇÃO – Zabalza contou

como os barbudos de Cuba e os vietnamitas eram exemplo da possibilidade de enfrentar "o monstro" (os EUA), e convocavam vários jovens da década de 60 a se engajar na luta direta. Diz que as armas são apenas um instrumento circunstancial e secundário, e explica: "somos revolucionários quando temos uma bagagem de idéias na cabeça e sabemos que hoje é o fuzil, amanhã é a pena, depois de amanhã é o ato de massas, que tudo isso deve ir em conjunto e que o importante é o desenvolvimento do povo em direção à conquista de seu próprio poder". Para ele, o guerrilheiro deve ser uma pessoa sensível: "se uma pessoa não pode se emocionar quando vê um entardecer com o seu par, não pode se emocionar quando sente o risada de uma criança, não admira uma flor, não treme com uma música que lhe impacta, se não se abrange essa parte subjetiva do indivíduo, se ela não desenvolve isso, me parece que é muito difícil que se possa ser um revolucionário".

Zabalza critica aqueles que dizem que o mundo atual avança para a tolerância entre as classes sociais, para a paz e para a democracia; ao dizer isso tentam isolar, desqualificar e demonizar as posições revolucionárias, como se elas estivessem fora do contexto da época. Mas ele também acha que esse discurso serve

para diferenciar os revolucionários dos social-democratas, e ajuda a mostrar que ainda existe um setor que pretende mudar a sociedade e fazer uma revolução. Para ele, violência quotidiana é o fato de haver pessoas jogadas nas ruas em estado lamentável e acrescenta, "enquanto existirem homens assim, não haverá paz".

ESPERANÇA NA LUTA – Zabalza verifica que hoje há um ressurgimento das lutas: expressões como as de Seattle e Praga que atacam diretamente o capitalismo. Para ele, a Colômbia mostra hoje que é possível lutar: "quando o império inicia um Vietnã, deve ter bem claro que podem haver dois, três vietnãs".

Zabalza sente-se fortalecido por ter saído da prisão sem que os militares tenham conseguido destruí-lo psicologicamente, desmoralizá-lo ou fazê-lo renunciar à luta, como queriam. "Os momentos de maior glória revolucionária para mim, foram quando eu estava no fundo do buraco enterrado, isolado totalmente.

E quando a luta por se manter erigido, por não quebrar, por se manter inteiro, era contra mim mesmo. Creio que, mais do que nos momentos de batalha, eu me encontrei, de fato, comigo quando estive deitado".

Entrevista: Javier Cifuentes

“Estamos lutando por uma nova Colômbia”

Milena Schoeller

O encontro foi por acaso. Em uma das salas de imprensa do Fórum Social Mundial me deparei com um senhor, já de uma certa idade, cabelo grisalho e barba por fazer. Na camiseta cinza, a inscrição em branco: FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Aquele era Javier Cifuentes, representante da organização no Conesul. Com simpatia, ele me atendeu e falou sobre a participação das FARC no Fórum Social Mundial.

A organização foi criada no final dos anos 40 para proteger os políticos liberais colombianos. Influenciados pela ideologia marxista, os guerrilheiros das FARC lutam contra o capitalismo, o neoliberalismo e a supremacia dos Estados Unidos na América Latina. Por isso, segundo Javier Cifuentes, as FARC fizeram questão de participar do Fórum Social Mundial. “Os objetivos coincidem”, afirma Cifuentes.

3x4 - Qual a atual situação das FARC?

Javier Cifuentes - As forças estão lutando atualmente para construir uma nova Colômbia, com plena justiça social e sem violência, sem corrupção, sem narcotráfico. Estamos aqui no Fórum Social Mundial para expor estes objetivos. E, também, para denunciar o Plano Colômbia, plano norte-americano, em primeira instância contra o povo colombiano, em segunda instância contra toda a América Latina. Este plano é a ponta de lança militar dos Estados Unidos na América para impor sua proposta econômica: a Alca (Área de Livre Comércio das Américas). Para isso está cercado militarmente a América Latina.

3x4 - Como vocês esperam, de uma maneira prática, segurar os Estados Unidos e impedir que eles concretizem este plano?

JC - A única maneira prática, num primeiro momento na Colômbia, é enfrentar os Estados Unidos, como estamos enfrentando.



Cifuentes: “Desejo que as próximas gerações não tenham que sofrer este horror de crime e terrorismo”

3x4 - Seria a luta armada?

JC - Não queremos que chegue a esta via. Estamos lutando para que a saída na Colômbia seja política e não militar. No entanto, isto não é uma decisão só nossa, é uma decisão do governo colombiano com os Estados Unidos. Mas, às vezes, é preciso a luta. No início do Plano Colômbia, em novembro do ano passado, o Departamento de Porto Maio, na Amazônia, foi totalmente militarizado pelos americanos, que cometeram três mil assassinatos no local. As FARC bloquearam os militares em seus

acampamentos para impedir a continuação dos crimes. Este bloqueio durou cerca de 70 dias. E a pretensão dos Estados Unidos é continuar com este plano de guerra. Por isso, estamos decidindo se continuamos o diálogo com os Estados Unidos ou se cortamos. Os setores guerrilhistas e alguns setores norte-americanos ameaçam o fim do diálogo e que venha a guerra total. Há outros setores que dizem não. A guerra pode trazer enormes consequências, e é o que as Farc quer, uma saída política e não uma guerra. Eu,

pessoalmente, acho que podemos continuar na mesa de diálogos.

3x4 - Como colombiano e como pessoa, qual é o sentimento de viver num país com este tipo de conflito?

JC - É lamentável, são 36 anos de guerra. Nos últimos 20 anos, o terrorismo assassinou mais de 300 mil pessoas. No ano passado, foram 30 mil colombianos assassinados. Neste ano, 200 pessoas já foram mortas só em janeiro. Como você pode ver, é terrível esta situação para a Colômbia. Desejo que as próximas gerações não tenham que sofrer este horror de crime e terrorismo. Mas nós, como revolucionários, sentimos, hoje, que conseguimos acumular uma força e um respaldo político suficientes, com os quais podemos ver uma “luzinha” no fim do túnel. Esta “luzinha” vai nos permitir, a médio prazo, acabar de uma vez e para sempre com a violência e injustiça na Colômbia.

3x4 - Então, o clima de insegurança é total na Colômbia?

JC - É um clima de insegurança, porque, lamentavelmente, a situação, na Colômbia, não é de hoje, mas é de sempre. Porém, os povos não podem se rebaixar frente ao crime e às armas, nem renunciar ao seu direito de liberdade e de felicidade, direito de salários e trabalho justo, educação e saúde. Por isto te digo, os povos têm que formar seu próprio exército, como já existe com as FARC. Mas antes da luta, temos que ter o diálogo.

3x4 - Em quanto tempo vocês acham que a situação deve estar resolvida?

JC - Nós não temos um prazo definido. Mas entendemos, hoje, que é um tempo relativamente curto. As FARC têm 36 anos de luta. Nestes anos, aprendemos muito e acumulamos muitas forças. Temos, hoje, um corpo diplomático no mundo inteiro. E, por isso, digo que há grandes possibilidades de que, a médio prazo, acabemos com a violência. Porém, ainda temos que enfrentar grandes batalhas com o inimigo.

O próximo FSM tem data marcada: de 31/1 a 5/2 de 2002. O Comitê Organizador confirmou a idéia de organizar fóruns todos os anos, sempre no mesmo período fórum de Davos. Para o próximo ano, propõe-se que, além do evento de Porto Alegre, vários outros encontros sejam realizados mundo afora, no sentido de disseminar o ideal de que “um outro mundo é possível”.



Está prevista a criação de um Conselho Internacional para o FSM, que se encarregará da organização do evento. O Conselho será constituído a partir de uma reunião de organizações e redes internacionais marcada para junho em São Paulo. Em 2003, pretende-se realizar o FSM na cidade que mostra as melhores condições de sediar os Fóruns de 2002. O ano de 2004 marcaria a volta ao sistema descentralizado, e assim haveria uma alternância sucessiva entre o modelo de uma e de várias sedes para o FSM.



Uma carta de princípios do FSM foi assinada pelas entidades organizadoras do evento no início de abril. O documento defende os ideais que devem orientar a continuidade do fórum. Entre eles, está o princípio de que “a certeza de possibilidade de transformação do mundo torna-se um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apoie”.

Perfil: Tom Zé

O EXCLUÍDO DA TROPICÁLIA

Natacha Marins

O baiano menos famoso da Tropicália esteve em Porto Alegre para um show no último dia do Fórum Social Mundial e conversou com jornalistas sobre sua infância na Bahia, seu período de ostracismo, sua redescoberta e falou sobre música brasileira e sobre o fórum. No show, Tom Zé mostrou porque continua fazendo sucesso aos 64 anos.

Antônio José Santana Martins nasceu em Itará, Bahia, onde as notícias chegavam através do relato dos parentes que "sentavam-se à mesa falando das viagens, das coisas, e esse era o transmissor de cultura". E a música sempre esteve presente na sua vida – todos ritmos tiveram influência no músico. "O Brasil é um país imensamente sujeito a terremotos. O terremoto que acontece aqui é constante. Têm algumas pessoas que estão sentindo eternamente a vibração desse folclore."

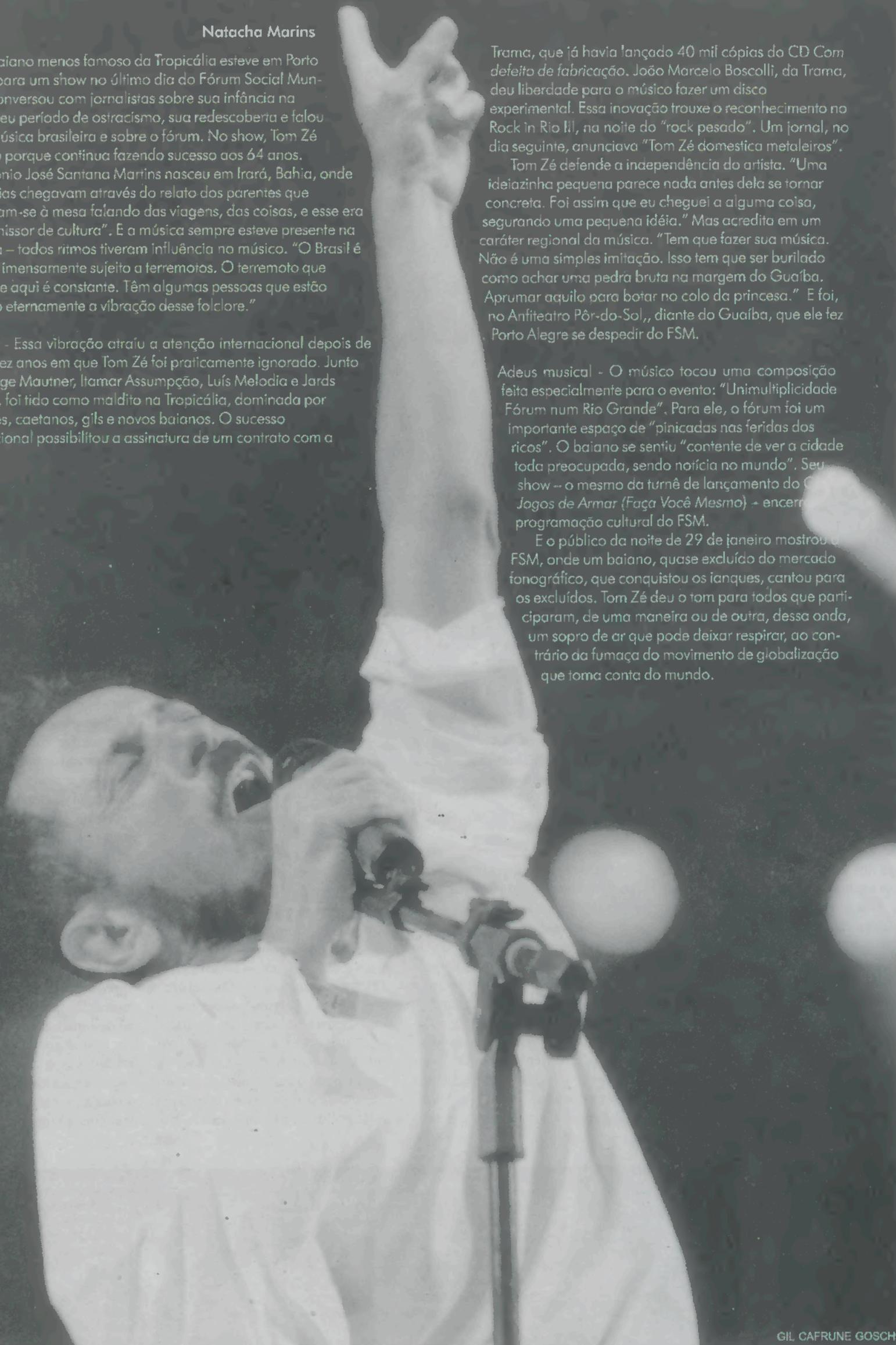
Retorno - Essa vibração atraiu a atenção internacional depois de quase dez anos em que Tom Zé foi praticamente ignorado. Junto com Jorge Mautner, Itamar Assumpção, Luís Melodia e Jards Macalé, foi tido como maldito na Tropicália, dominada por mutantes, caetanos, gils e novos baianos. O sucesso internacional possibilitou a assinatura de um contrato com a

Trama, que já havia lançado 40 mil cópias do CD *Com defeito de fabricação*. João Marcelo Boscolli, da Trama, deu liberdade para o músico fazer um disco experimental. Essa inovação trouxe o reconhecimento no Rock in Rio III, na noite do "rock pesado". Um jornal, no dia seguinte, anunciava "Tom Zé domestica metaleiros".

Tom Zé defende a independência do artista. "Uma ideiazinha pequena parece nada antes dela se tornar concreta. Foi assim que eu cheguei a alguma coisa, segurando uma pequena ideia." Mas acredita em um caráter regional da música. "Tem que fazer sua música. Não é uma simples imitação. Isso tem que ser burilado como achar uma pedra bruta na margem do Guaíba. Aprumar aquilo para botar no colo da princesa." E foi, no Anfiteatro Pôr-do-Sol, diante do Guaíba, que ele fez Porto Alegre se despedir do FSM.

Adeus musical - O músico tocou uma composição feita especialmente para o evento: "Unimultiplicidade Fórum num Rio Grande". Para ele, o fórum foi um importante espaço de "pinicadas nas feridas dos ricos". O baiano se sentiu "contente de ver a cidade toda preocupada, sendo notícia no mundo". Seu show – o mesmo da turnê de lançamento do CD *Jogos de Armar (Faça Você Mesmo)* – encerrou a programação cultural do FSM.

E o público da noite de 29 de janeiro mostrou ao FSM, onde um baiano, quase excluído do mercado fonográfico, que conquistou os ianques, cantou para os excluídos. Tom Zé deu o tom para todos que participaram, de uma maneira ou de outra, dessa onda, um sopro de ar que pode deixar respirar, ao contrário da fumaça do movimento de globalização que toma conta do mundo.



Entrevista: Timothy Ney

O SOFTWARE LIVRE E A DEMOCRACIA NA INFORMÁTICA

Rodrigo Jacobus
Vinícius Bastiani

Timothy Ney, executivo da Free Software Foundation esteve presente no Fórum Social Mundial. Ele participou da segunda conferência relativa ao eixo III de discussão: "Como assegurar o direito à informação e à democratização dos meios de comunicação?" e da oficina intitulada "Software Livre". Em um rápido intervalo da correria em Porto Alegre, o simpático Timothy concedeu uma exclusiva ao Três por Quarto.

3x4 - O software livre quebra a lógica comercial que rege os softwares proprietários. Linus Torvalds afirma que o Linux arranhou-lhe um bom emprego. Como sobrevivem as pessoas que trabalham em torno de projetos como esse, incluindo aí a Free Software Foundation?

Timothy Ney - Durante bastante tempo, a Free Software Foundation fez dinheiro vendendo softwares, manuais e livros. Há 10 anos atrás, quem desenvolvia softwares livres dificilmente era pago por isso. Normalmente, essas pessoas trabalhavam como programadores em empresas de informática e escreviam softwares livres em suas horas de folga.

3x4 - Por que eles faziam isso?

TN - Pela atividade em si e pelo prazer em escrever programas. As pessoas desenvolviam, há 10 anos atrás, es-

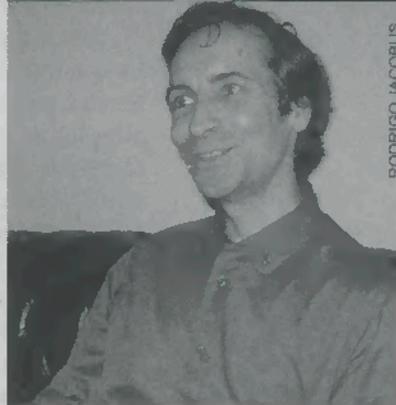
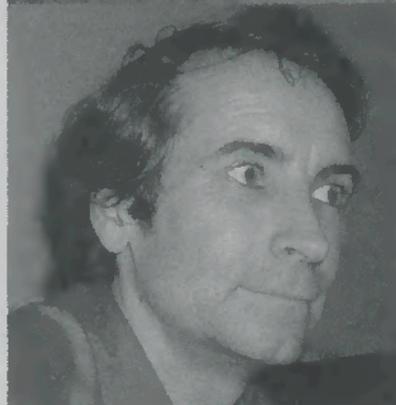
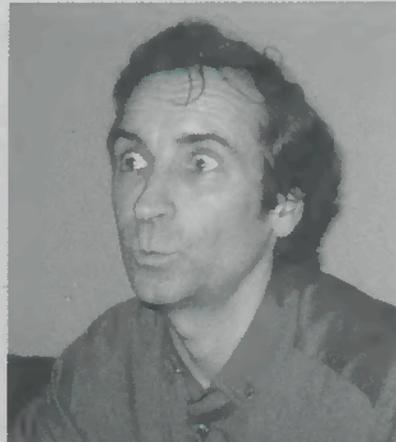
ses programas à noite, nos fins de semana. Depois de pronto, esses programadores passavam o código adiante, e seus companheiros diziam: "Puxa, que bacana. Gostei". Era o máximo. Isso mostrava que eles eram bons programadores, e isso os satisfazia. Só pelo prazer.

3x4 - Só por prazer... "It's a nice way"...

TN - Sim, só por prazer... Você quer ter alegria no seu trabalho, quer gostar dele. Você precisa de dinheiro. Dinheiro é bom, mas é mais importante se ter satisfação no emprego. Uma das coisas que a Free Software Foundation faz desde o princípio é dar equipamentos para as pessoas desenvolverem softwares livres. Hoje, o mundo mudou. Existem empresas como a Red Hat, a Conectiva e a Mandrake, que pagam programadores para desenvolverem softwares livres e vivem deste produto. Não se precisa mais trabalhar no McDonald's e escrever software livre nos fins de semana.

3x4 - O Linux e o projeto da Free Software Foundation como um todo, poderia ser visto como um projeto anarquista, comunista, humanista, ou pode colaborar para alguma dessas correntes mais à esquerda?

TN - A melhor palavra para descrever o software livre é "democracia",



RODRIGO JACOBUS

porque ela versa sobre liberdade, porque dá a todas as pessoas o direito de decidir sobre como o software deve ser, todos ficam envolvidos no processo de criação do software livre. Pode-se dar o rótulo *comunista*, mas o que se vê pelo outro lado é que, nos Estados Unidos, há investidores de capital apostando no software livre.

3x4 - A Free Software Foundation, pelo papel que representa nessa era em que a informação é tudo na vida das pessoas, está colaborando com uma revolução, está lutando, de fato, para mudar a humanidade?

TN - Sim. Nós estamos vivendo na era da informação e na era da internet. Uma nova economia está surgindo. Para sobreviver nessa nova economia, as pessoas precisam ter acesso ao software da mesma forma que elas têm acesso à água, à eletricidade. O problema que nós temos no mundo, hoje, é que o acesso à tecnologia da informação está restrito a um número muito pequeno de pessoas. Nos Estados Unidos e no Canadá, muitas pessoas têm acesso à essa tecnologia, ao passo que, em países pobres, isso não acontece. É preciso que se garanta o acesso ao software. Na nova economia, tudo depende de software; logo, para que as pessoas sobrevivam nessa nova economia, nós temos que dar um jeito de fazer com que o software chegue a todos.

OPÇÕES PARA A TRANSIÇÃO

O usuário interessado nos preços acessíveis, na liberdade de escolha e na possibilidade de interação oferecidos pelos softwares livres está encontrando cada vez menos obstáculos. As tarefas mais comuns já podem ser realizadas por programas não proprietários.

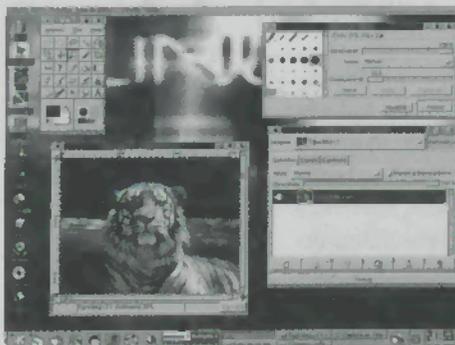
Hoje, o GNU/Linux conta com uma série de aplicações que atendem perfeitamente a quase todas as atividades profissionais e domésticas. Há editores de texto completamente compatíveis com o padrão Microsoft Word, como o Kword ou o StarWriter do pacote StarOffice. Há um substituto à altura para o renomado Photoshop, chamado The Gimp, e uma versão do conhecido Corel Draw.

Para surfar na Internet, tem o Netscape e mais uma série de programas para navegação.

Para a transição não ser traumática, é possível instalar os dois siste-

mas operacionais - Windows e Linux, por exemplo - ao mesmo tempo em um computador.

Mas é importante reconhecer que ainda existem alguns empecilhos que podem assustar os usuários leigos. Por enquanto, é preciso uma boa predisposição ao aprendizado, principalmente para instalar e configurar o GNU/Linux. O início pode ser compli-



Tela de um ambiente gráfico do Linux

cado e o melhor é contar com alguma ajuda técnica.

LIBERDADE - Uma vez que o programa está instalado, é possível utilizar o sistema sem dificuldades. Há vários ambientes gráficos (o Windows é o ambiente gráfico da Microsoft) que podem ser utilizados, como o KDE, o Gnome e o Blanes 2000, que é praticamente igual ao Windows 95/98.

Existem vários formatos de Linux, cada um com suas peculiaridades. No Brasil, há duas versões: o consagrado Conectiva e o TechLinux que, segundo seus criadores, reúne as melhores características de todas as outras versões.

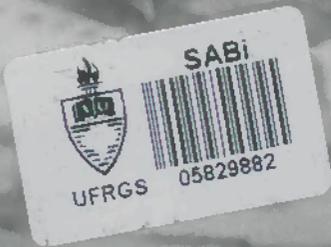
Fora estes, há o precursor Red Hat, o bem bolado Mandrake, o sólido SlackWare e o elogiado SuSE. Não vai demorar muito para que o GNU/Linux atinja um nível de facilidade que certamente agradará até mesmo quem se julga uma toupeira na área.

NÚMEROS DO MONOPÓLIO

Conforme a International Data Corporation (IDC), o Windows roda em 92% de todos os PCs vendidos em 2000. Já a fatia do GNU/Linux seria de 2%, apesar do crescimento de 25% sobre 1999.

Na área de servidores, no entanto, a situação é diferente. As versões corporativas do Windows respondem por 41% do mercado - aumentaram 20% -, enquanto o GNU/Linux já está abocanhando 27% - um incremento de 24%.

Na área de e-business, o sistema ultrapassa o Windows no Japão e na Alemanha. O contrário acontece nos países de língua inglesa, onde o produto desenvolvido pela empresa de Bill Gates detém 55%.



ENNA

... ..
... ..
... ..

...

CCB

... ..
... ..
... ..

VIVE LA TALE TORRE
FRIBOURG SUISSE


MIA MSI
... ..
... ..

...

...

... KISTE DICTA JURA
... DOMINAR A LIA
... PIELIS A
... JURA DE MERCADO
... 27 APRIL

...

SABI UFRGS